

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



SANCEAU, Elaine (Croydon, 1896; Leça do Balio, 1978)

Apesar de ter origens familiares francesas, a escritora e biógrafa Elaine Sanceau nasceu em Croydon, Reino Unido, em 1896. Figura cosmopolita, estudou em Montreux, na Suíça, antes se mudar para o Brasil com a família. Ficaria no continente americano até ao início da década de 1930, quando veio habitar em Portugal, no Porto. A história deste país e desta cidade parece ter-lhe despertado um forte interesse e a ela se dedicou ao longo de toda a restante vida. Já no Brasil começara, ao que parece, o seu estudo do passado quinhentista português. Em 1934 fixou residência na aldeia de Leça do Balio, onde permaneceria até à sua morte.

Em 1939 publicou a sua primeira obra histórica, uma biografia de Afonso de Albuquerque. A esta seguir-se-iam mais trinta e sete livros (e muitos artigos) nas quase quatro décadas seguintes, incluindo outros trabalhos biográficos (de figuras como o Infante D. Henrique, os monarcas D. João I, D. João II e D. Manuel e D. João de Castro), obras sobre outros temas ligados ao período da expansão marítima, desde o povoamento do Brasil às relações com o império etíope, um livro sobre a histórica *British Factory* do Porto e ainda vários volumes ilustrados recontando diversos aspetos dos “Descobrimentos” portugueses, destinados ao público juvenil.

A Autora escrevia os seus textos maioritariamente em inglês, sendo de seguida publicada uma tradução para português. Apesar disso, Sanceau dominava a língua lusitana, o que lhe permitiu traduzir obras de outros autores – e também consultar fontes primárias. Embora, regra geral, as suas obras tenham um carácter mais de divulgação e não apresentem material inédito ou conclusões novas, a erudita escritora nunca negligencia a consulta das fontes, seja na Torre do Tombo ou no Arquivo Histórico Ultramarino. Dedicou-se inclusive à edição de alguns documentos, nomeadamente as cartas de D. João de Castro (SANCEAU [ed.], *Cartas de D. João de Castro*, 1954) e a compilação de correspondência conhecida como a Coleção de São Lourenço. É talvez necessário apontar nesta Autora uma aceitação por vezes acrítica da informação relatada nas crónicas e cartas que cita. Na escrita, o seu estilo é de carácter literário, dando cor e vivacidade, além de detalhe, às narrativas que tece. Transcreve frequentemente diálogos retirados das fontes que consulta.

A visão histórica de Elaine Sanceau é tradicional na sua apresentação e valores e em larga medida personalista, focada muito mais em personalidades e ações individuais do que em estruturas ou processos.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

As figuras de D. Henrique, D. João II e Afonso de Albuquerque são vistas como sendo quase unicamente responsáveis, nos seus respetivos momentos históricos, por impulsionar e dirigir a *missão* portuguesa de descoberta e conquista (ao infante e seus irmãos, por exemplo, é atribuída a responsabilidade pela expedição de Ceuta). Devido a esta visão, o seu carácter é enaltecido e os seus feitos elogiados, adotando a biógrafa um certo partidarismo e apologia dos seus biografados contra os inimigos e críticos – antigos e modernos – dos mesmos. Essa defesa é estendida a outras figuras, caso de Vasco da Gama, ao passo que noutros casos, como D. Manuel I, o retrato é mais crítico e ambivalente.

Se as vidas e feitos destas grandes figuras servem para ilustrar o período da Expansão, o mesmo pode ser dito da miríade de indivíduos, menos célebres, mas ainda notáveis, que participaram nesta empreitada nacional. Assim, as obras mais “temáticas” da Autora passam por uma enumeração de casos particulares dos indivíduos e famílias – com amplo detalhe biográfico e, se existente, genealógico – que combateram no norte de África, navegaram para a Índia ou povoaram as várias capitanias do Brasil. Através destes exemplos Sanceau procura descrever o cenário e a sociedade do império global português, resultado daquela “grande aventura” seiscentista.

A Autora faz uma leitura amplamente positiva das ações dos navegadores e conquistadores portugueses. Encontramos nas suas obras um discurso glorificador dos “Descobrimentos”, enfatizando os feitos heroicos e as vitórias, enquanto os aspetos passíveis de crítica são justificados como produto da mentalidade do passado. À Expansão, admitindo embora a vertente comercial, Sanceau atribui sobretudo motivações altruístas, desinteressadas e meritórias: o espírito cruzadístico e missionário do povo português e a curiosidade científica dos seus líderes. Quanto aos resultados de tal façanha, obra prodigiosa de uma nação tão reduzida em número, traduzem-se no aumento do conhecimento do mundo, na ligação entre as várias partes do globo (inaugurando uma nova era) e na introdução da *civilização* aos povos de África e das Américas.

Em várias obras, a escritora inglesa representa tais povos como primitivos, incivilizados e bárbaros, quando comparados com a cultura cristã e europeia que os portugueses lhes trouxeram, melhorando desse modo as suas condições de vida (questões como a da escravatura são referidas apenas de passagem). Aponta exemplos como a correspondência entre os reis de Portugal e do Congo ou os casamentos “mistos” de Goa para defender que não existiam na sociedade portuguesa quaisquer preconceitos raciais, discriminações nessas linhas ou má vontade para com os povos com que os navegadores europeus contactavam, independentemente de cor de pele ou religião. A única exceção, afirma, eram os “mouros”, os muçulmanos, inimigos milenares, mas com quem os portugueses manteriam uma rivalidade cavalheiresca, com respeito mútuo entre adversários em pé de igualdade. Os mesmos muçulmanos são responsabilizados pelas dificuldades nas relações diplomáticas dos portugueses na Índia.

Numa nota diferente, a historiadora preocupou-se consistentemente em enfatizar os múltiplos papéis das mulheres na Expansão e nas várias partes do mundo onde Portugal tinha presença, destacando a coragem

e resiliência destas “heroínas esquecidas” e apresentando, como era seu costume, muitos casos exemplificativos retirados de fontes das épocas estudadas. A sua última obra, publicada postumamente, era dedicada a este tópico das mulheres no “Ultramar”.

Sanceau interessou-se ainda pela história da sua cidade de adoção, o Porto. Além da já referida obra sobre a comunidade de comerciantes britânicos que lá habitava (com a qual a Autora, ela própria imigrante, terá certamente sentido afinidade), redigiu também vários artigos, publicados nos boletins culturais da câmara municipal portuense, sobre aspetos e curiosidades de história local, por regra baseando-se nalgum documento extraído dos arquivos municipais.

Em jeito de recompensa pelo seu amor à cidade invicta, a historiadora recebeu a Medalha de Ouro da cidade do Porto, em 1968. Para além desta homenagem, recebeu o Prémio Camões (em 1944, pela obra *Em demanda do Preste João*) e foram-lhe outorgadas as Ordens de Santiago da Espada (1953) e do Infante D. Henrique (1961). Foi membro do Instituto de Coimbra, da Academia Internacional da Cultura Portuguesa e do Centro de Estudos Ultramarinos. Elaine Sanceau faleceu em 1978. Foi dado o seu nome a uma rua no Porto, cidade que a historiadora tanto apreciava.

Bibliografia ativa

SANCEAU, Elaine, *Indies Adventure: the Amazing Career of Afonso De Albuquerque, Captain-general and Governor of India (1509-1515)*, Londres, Blackie and Son, 1939; *D. Henrique, o Navegador*, tradução de José Francisco dos Santos, Porto, Civilização, 1942; *The land of Prester John: A chronicle of Portuguese exploration*, Nova Iorque, Alfred A. Knopf, 1944; (colig. e notas) *Cartas de D. João de Castro*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1954; *Capitães do Brasil*, tradução de António Álvaro Dória, Porto, Civilização, 1956; *D. João II*, tradução de António Álvaro Dória, Lisboa, Civilização, 1959; “Portugal’s Contribution to Global Geography”, *The Journal of Geography*, v. 69, nº 3, 1970; *The British Factory at Oporto*, Porto, British Association, 1970; *Mulheres portuguesas no Ultramar*, tradução de Aureliano Sampaio, Porto, Civilização, 1979.

Tiago Seixas dos Santos